O papel do líder e dos recursos humanos na era da informação

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti[1]

Pela primeira vez a UNESCO pode acolher líderes, estudiosos, jovens, empreendedores que formalizam esta conferência, cada um com despesas próprias. Amigos em particular do maravilhoso Brasil. Brasil que sempre vem exposto como uma terra de violência e o mundo não sabe que existe um Brasil extraordinário, de inteligência, de empreendedorismo, de política.

Aqui presentes estão também deputados de futuro político da América Latina, que estão aqui pagando suas próprias despesas individuais. Portanto, esta não é uma conferência convencionada com apoios financeiros de quiçá qual comunidade ou patrocínio. A globalização está ensinando que o mundo pode ser pessoa e são necessárias as pessoas antes de fazer a inteligência dos povos.

Aqui existem entre as mais belas inteligências da vasta Rússia. Veremos esse imenso território de inteligências que portará uma inovação, um novo lêvedo nessa aparente crise. Será a reestruturação de todo o globo. Estamos iniciando a viver um progresso tão avançado que as instituições não sabem e, portanto, não podem coordenar.

Aqui presentes estão os líderes da mídia, extraordinários líderes da mídia, anônimos, mas atentíssimos, inteligentíssimos. Eu recordo que aos primeiros anos de 1970 as pessoas mais inteligentes, mais de caráter empresarial, começavam a deixar as grandes instituições, as grandes universidades, os grandes governos, as grandes multinacionais. Sujeitos vivos, vencedores que tinham a necessidade de testemunhar a ação criativa da pessoa. Pessoa que na sua espiritualidade se sente planetária, não há homem vivo que não se sinta junto a todos.

Cada homem, para ser grande, deve antes servir aos outros. Das problemáticas resolvidas dos outros, o líder colhe a própria interior satisfação que o faz testemunha de graça no ato criativo do eterno. Por isso, é preciso fortalecer a responsabilidade do conhecimento.

O conhecimento é um problema de responsabilidade, não é um problema que pode ser resolvido pelo assistencialismo ou pelas instituições para-governativas e governativas. O gênio é individual. A vida cresce na alma do indivíduo que tem uma mensagem eterna a cumprir. Eu penso que dessas pequenas coisas seja grande a felicidade, o agradecimento, o sentido elevado de uma civilização de sujeitos que lideristicamente se encarnam naqueles valores eternos que, de cada homem grande deste planeta, sempre existiu a necessidade, a luta, a iniciativa para fazer o progresso, sobretudo espiritual, depois moral e naturalmente econômico-político para todos.

Realmente procurarei propor instrumentos de intervenção a tudo o que é a problemática que, parece, a maior parte da humanidade sofre e indicar alguns princípios, algumas diretivas que considero, sem dúvida, mais funcionais aos atuais sistemas de intervenção pedagógica, econômica, política, social. Esta novidade de conselho nasce obviamente de uma precisa experiência clínica, analítica, de multíplices fatores internos às problemáticas internacionais.

[1] Trecho da Conferência proferida pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no Palácio da UNESCO, em Paris, no dia 20 de junho de 2000.

Esse quadro que se clama e se sublinha um pouco em todo o mundo, implica a meu ver uma cisão, de um lado a burocracia das instituições que está seguindo como fim em si mesma, isto é, não há mais impacto de resolução sobre os efeitos. Existe uma forma de incapacidade, uma forma de não-experiência sobre os moventes íntimos do que consideramos criminalidade do coletivo. E justamente sobre isso quero fazer uma rápida análise, portanto,iniciar o aconselhamento às organizações que são pagas por todos os povos, para ajudar o melhor do homem.

As consequências do assistencialismo

Por trás das problemáticas expostas pela conferência da ONU e confirmadas por todas as informações do sistema e da mídia. Para poder resolver o que eles acusam não é necessário insistir sobre a prevenção, inquisição e perseguição legais ou policiescas, por exemplo, aumentar os órgãos de Polícia, fazendo infiltrar essas pessoas dentro de organizações que depois ampliam ainda mais a própria criminalidade.

Não é preciso aumentar o assistencialismo crônico ou situacional. Em todo o nosso modo de compreender se insiste muito sobre a inferioridade de massa, dos débeis, que aumentam. É muito difusa essa psicologia pauperística, foram muito ampliadas as tangentes, as tangenciais dos deficientes. Isto é, desde esse fato é evidenciada a necessidade do doente, para dar um qualquer conformismo de posto de trabalho a tantos empregados.

Existem nações que têm mais empregados do Estado que devem prover pela desocupação comunitária do que outros. Existem mais assistentes sociais e similares que desocupados. Existem mais pessoas, pessoal institucional que drogados, que crianças a salvar. Nota-se essa desproporção enorme de dinheiro, de pessoas, alguns em busca de curar, outros de fazer atravessar a estrada... Do mundo religioso ao mundo institucional, há essa atroz pesquisa de quem deve dar uma posição inferior para justificar salário e posição social para quem trabalha. E os resultados são, obviamente, piorados.

Substancialmente, é preciso se dar conta, sobretudo no plano psicológico, que esse assistencialismo implica um aumento de prevaricação de muitos e ao final determina um assassínio da pessoa moral dos sujeitos ajudados. Isto é, nós, com essa mentalidade, destruímos o orgulho, a ambição, a necessidade ao primado em qualquer modo, de todos aqueles aos quais impomos ajuda.

Ajudar, hoje, significa depauperar, significa humilhar, significa também gratuita exaltação de quem se considera superior. É uma ofensa ao orgulho primário da inteligência do homem, seja que esse nasça dentro de uma caverna, ou ao longo de um rio, ou dentro de um arranha-céu.

Tendo presente que a maioria dos doentes está nos grandes arranha-céus, por trás dos grandes bancos, por trás dos grandes hotéis etc., e que talvez os verdadeiros recursos humanos estejam entre tantos meninos e meninas que nascem aparentemente nas ruas, cheios de alegria, cheios de saúde, de força, e são tão belas essas crianças que todo o mundo, os chamados ricos, querem adotá-las porque são belas, sãs, vivazes, não são uns deficientes, como a maioria que está produzindo o mundo civil.

Então, honestamente, o meu argumento não é uma acusação, é uma contribuição de indagação, de análise se quisermos verdadeiramente ajudar. Portanto, é preciso estar atento sobre essa forma de impor a ajuda porque é uma instrumentação de estratégia bélica, de estratégia ocupacional, um colonialismo que por meio da imposição da própria superioridade determina a inferioridade de raça, a inferioridade de civilização, inferioridade de personalidade daqueles sujeitos.

Se nós tomarmos, faço esse exemplo, uma criança qualquer, uma garota qualquer, tem inata a ambição, a necessidade ao primado, tem um belo corpo, tem belas pernas, tem belos cabelos, olhos belos. Isto é, não existe um ser humano que, como quer que nasça, não tenha a ambição ao seu modo de ser primeiro. E é mediante essa ambição de primado natural que os falcões ou os predadores desses recursos humanos agitam depois o tráfico de violência, e por meio dessa resposta à ambição que desviam, que pegam, tomam esse enorme material humano prometendo resultado, palco, luzes, dinheiro, carros, isto é, ir à Nova Iorque, ir à Paris, ir à Áustria, ou seja, "Venha comigo, faça isso".

Isto é, há um primeiro grande momento no qual os genitores e os filhos estão em ato voluntário, de acordo, livres concorrentes. Não é possível em qualquer subúrbio do mundo pegar um menino, uma menina sem o acordo do coletivo local, sem o conhecimento do pároco, o conhecimento do líder do grupo, o conhecimento dos genitores, o conhecimento dos anciões, um estranho não pode entrar dentro daquelas células naturais de autodefesa e cada um de nós sabe se quer entrar, por exemplo, em um subúrbio mal afamado, que seja em Nova Iorque ou em uma *bidonville* ou numa assim chamada favela, ou seja lá o que for.

Há um núcleo, há uma força, há uma equipe. E, então, se todas essas coisas que depois nós decantamos como deturpadoras da nossa humanidade existe uma corresponsabilidade na base, consciente, desejada.

A solução no interno da pedagogia e da informação

O meu discurso é somente um início, o nosso é um encontro de líderes. O que é um líder? É uma pessoa que sabe servir o crescimento pessoal, integral em função do outro e social. Portanto, é uma inteligência de um capaz que sabe servir, que sabe resolver a funcionalidade dos outros, do contexto de grupo, de modo integral, não em um aspecto ideológico, partidário, racista. Portanto, se trata de um homem integral para um mundo integral. Os meus são somente acenos e quais soluções proponho?

Em primeiro lugar, deve existir **igual espaço informativo nos lugares institucionais.** Vale dizer que também o líder, também as pessoas bem-sucedidas com próprios meios, com própria eficiência, devem ter um igual espaço de informação no interior da ONU[2], no interior da UNESCO[3], no interior da RAI[4], no interior dos diversos jornais e rádios, isto é, para dar a

[2] Organização das Nações Unidas.

[3] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

[4] Radiotelevisione Italiana. Nota: o autor utiliza o exemplo de um grande órgão de comunicação italiana para exemplificar os demais grupos de comunicação.

informação não deve ser exclusivo o sistema legal, devem existir também os livres cidadãos que demonstram de fato, isto é, também essas pessoas devem falar no interior das informações e soluções de qualquer modo institucionais, porque se nós permanecemos relegados à exclusiva informação da burocracia institucional, qualquer que essa seja, estamos já em uma esquizofrenia contra o humano.

É o operante, é o vivente, é o que está dentro que precisa escutar. Portanto, espaço igualmente de informação, sem ser retribuído. A liberdade de todos aqueles que lideristicamente contribuem a uma eficiência, a uma realização do potencial humano, de ter um igual espaço no interior de informação, não de gestão, não de coordenação, mas de informação.

Porque é claro que se a informação é dada somente por aqueles da polícia, ou aqueles de um governo, é óbvio que de um modo ou de outro levarão água sempre ao próprio moinho (darão apenas a sua visão sobre os fatos) e não verão o problema total. Pessoas que estudaram somente criminologia como podem compreender a beleza, a graça, a criatividade, a inocência, a expansão, a beleza do homem, da natureza, do homem livre? Quem estudou o homem somente no setor patológico perde o soberano das causas profundas da vida, que em vez disso são multíplices em todos os seres humanos que gerem vitalidade, economia, poder de modo autônomo em relação às grandes instituições.

É preciso englobar as informações dos vencedores privados, porque se nós colocamos uma problemática diante de órgãos de polícia, eles reforçarão a polícia, revólveres, contraespionagem etc., isto é, reforçarão a máquina. Reforçarão em boa-fé o homem contra o humano.

Segundo aspecto: É preciso **iniciar uma pedagogia, uma política, uma informação de responsabilidade**. Responsabilidade. Isto é, o doente tem a sua parte de responsabilidade, o pobre tem a sua parte de responsabilidade, o delinquente tem a sua parte de responsabilidade, a meretriz tem a sua parte de responsabilidade, a criança que se faz escravizar tem a sua parte inicial de responsabilidade, todos têm uma zona de responsabilidade, consciente, voluntária.

Os ignorantes, os analfabetos têm uma parte de responsabilidade. Devemos iniciar uma pedagogia, um encorajamento, um serviço, a fim de que esses se responsabilizem. Exatamente, **ensinar a eles as condutas, os comportamentos do líder, do vencedor,** saber ler a história, saber ler a situação, como o empresário, o líder, o ensinante, o mestre se comportou na sua infância para chegar a uma superioridade que é sublinhada por diversos aspectos.

Até que nós os assistimos, os manteremos por baixo. Devemos dar-lhes, facilitar-lhes, responsabilizar-lhes com as mesmas armas e conhecimentos que dão orgulho a todos os bem-sucedidos no próprio ânimo. É sobre esse aspecto que deve ser reformada uma intensa pedagogia local e global.

A globalização, que demonstrou um deslocamento de todos os blocos institucionais nacionais, está dando livre espaço às inteligências mais prontas. Tomemos o campo informático. Paquistão, Índia e outros países considerados à margem hoje detêm o primado de ocupação de trabalho. São os mais desejados, sobretudo pelos Estados Unidos e pelos países mais ricos. Têm

inteligência, sabem dar um serviço, todos aqueles que entram no vencer, se podemos usar essa palavra aparentemente blasfema, são pessoas altamente preparadas que estudaram, que fizeram com responsabilidade o currículo de estudos. E não a vagabundagem livre com a iniciação dos genitores e dos entes assistenciais que favorecem o senso *handicap* da vontade humana. Essas pessoas acontecem em um mundo que é civil, onde existe a televisão que fala para todos, a rádio que fala para todos; todos os livros estão à disposição para todos, as bibliotecas estão à disposição de todos, e há um enorme serviço, uma enorme exposição de instrumentos de vantagem.

Mas devemos responsabilizar os jovens. O matrimônio significa saber criar a responsabilidade dos próprios filhos. E não pode ser culpado somente o Ministério da Saúde, o Ministério da Justiça, o Ministério da Previdência, o Ministério da Cultura, isto é, também eles! Portanto, deixar de santificar os efeitos da pobreza e da violência, mas responsabilizar também o doente, o pobre, os genitores etc.

Existem muitas coisas que poderia acrescentar, mas penso que essa é somente uma primeira provocação no interior de tudo o que analisei e ouvi nesses dias, ao menos há 15 dias desse encontro de assembleia de 10 mil em Nova Iorque e gostaria que junto a todos os seus gritos alarmantes seja colocado também este, e não culpar sempre o sistema da ocasião, os vencedores da ocasião, os homens da ocasião, isto é, me parece que existe uma forma de obsessão, uma forma de neurose, em busca do vencedor da ocasião para destruir também ele como uma projeção do crime.

Mas essa não é a estrada para dar um caminho de prazer, de honra, de dignidade a cada homem que vem a este mundo. Cada homem sou eu, justamente por isso, não posso economizar a ele as responsabilidades que eu, grande, vivo dentro de mim.

Nos princípios da minha grandeza, minha grandeza em sentido como homem bem-sucedido, devem estar também as sementes da ambição do pequeno, do pobre, da criança. E então existirá uma dialética sem fim, de bem com bem, de variedades infinitas e desaparecerão tantos gritos alarmistas que não dão certamente um sorriso ao nosso futuro humano.

O meu não é um alarme, não é uma acusação, mas é simplesmente uma oportunidade, que se sintetiza assim: Se quisermos que todos cheguem ao quanto lhes cabe por direito de natureza, direito de pessoa, direito de homem é preciso que a sociedade ajude a responsabilizá-lo sobre aqueles direitos, sobre aqueles valores que depois serão o pedestal da sua grandeza, do seu sucesso e, portanto, da sua cultura, da sua economia e da sua política e, depois, de tantas coisas maravilhosas onde o espírito transpõe o limite com o eterno.